

IDENTIDADE E CULTURA VERSUS CONHECIMENTO OU ESCLARECIMENTO NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA

Sergio JABELUFA
Escolas Garra
Instituto Menino Deus

Resumo: Neste trabalho, apresentamos algumas preocupações sobre a questão da identidade e da cultura dos aprendizes na língua espanhola. Questionamos se o aprendiz de uma segunda língua realmente a incorpora de forma espontânea ou se este acaba sendo “dominado” pelo professor em sala de aula. Nos preocupa, a questão da dificuldade e/ou semelhança do aprendizado de uma segunda língua, pela interferência da língua materna (LM) na aprendizagem da língua estrangeira (LE). Entendemos que o conhecimento ou esclarecimento em uma língua estrangeira deve acontecer de forma natural e não de forma imposta pelo professor de línguas. Para tanto fundamentamo-nos em vivências no ensino de Língua Espanhola para estudantes brasileiros, no ensino fundamental, médio em escolas particulares no Brasil. Uma das paridades aborda a questão da interferência da LM na LE no que diz respeito à transferência, tanto da forma quanto do sentido, levando-se em consideração os elementos de cultura da LM e da LE e o que isto significa em termos de ensino-aprendizagem de línguas, como é o caso do Português com relação ao Espanhol. Nos preocupa a identidade cultural do novo aprendiz olhando esta como uma construção e não como deficiência. Sendo assim, as tendências contemporâneas com base na proposta de um ensino voltado para a cidadania, como recomendam os PCNs (1998), se espera do professor um sujeito esclarecido para proporcionar a inclusão de si próprio e de seus alunos, superando a dominação que pode provocar a barbárie; barbárie como contraponto do

desenvolvimento da sociedade. A inclusão depende de uma coerência que envolve o professor e o aluno mediante uma ação concreta respeitando a identidade, tendo como padrão a auto-crítica. Fazemos uma análise com o intuito de realizar um confronto a respeito do que defendem os seguidores da Teoria Crítica especialmente Adorno e Horkheimer (1985), assim como Habermas.

1 INTRODUÇÃO

Pensar o ensino de línguas estrangeiras nos dias de hoje (em pleno século XXI) implica profissionalismo e muita responsabilidade em sua condução. Responsabilidade, pois os envolvidos (tanto professores como os estudantes) precisam ter bem claro o que se quer com o ensino-aprendizagem em termos de formação da identidade e formação cultural, já que, quem aprende uma nova língua estrangeira estará repensando sua personalidade e aprimorando sua cultura.

Por outro lado, quem ensina poderá influenciar o novo aprendiz com questões ideológicas, crenças, gostos, tradições, comidas, músicas, etc. Nos parece, que o professor precisa ter bem claro a condução na construção do conhecimento deixando para que o estudante faça suas escolhas. Sabemos que ao entrar em contato com uma nova língua estamos prestigiando uma nova cultura.

É nesse sentido que o presente artigo vem pensar ou repensar a importância da formação da identidade cultural do novo aprendiz ao estruturar seu conhecimento no ensino de língua estrangeira de forma esclarecida e não dominada.

Para tanto, o embasamento na construção da presente proposta foi eminentemente bibliográfica. Posteriormente, nas considerações finais trazemos algumas observações da prática do dia a dia para enriquecer os futuros leitores com algumas reflexões a respeito da idéia proposta. Salientamos que não basta ensinar uma nova língua, o importante é poder

perceber em termos culturais o que se está proporcionando para a formação da personalidade do estudante no que diz respeito a formação da identidade.

2 IDENTIDADE E CULTURA

Todo momento, na convivência social nos deparamos com momentos culturais onde estamos constantemente fazendo um repensar sobre as diferentes realidades que nos rodeiam. As realidades fazem parte de cada situação concreta de cada sujeito. Este pode ser de uma região específica, nacional ou ainda representar um outro país ou continente. O representar diz respeito a bagagem cultural que cada um carrega junto de si, assim como a identidade.

Por cultura Chinaglia a entende como:

Todo lo que es obra del hombre en su esfuerzo por adoptar el mundo de la naturaleza y transformarlo en un mundo humano. Subjetivamente: todo lo que perfecciona al hombre. Objetivamente: las obras mismas de la actividad humana. Distinto de la civilización, que es el conjunto de instrumentos o medios para resolver el problema de la existencia. Cultura, en sentido más estricto, es lo que rebasa la esfera de las estrictas necesidades. Por ejemplo: el arte, la religión, etc. (Chinaglia, 1999, p. 353).

Cultura como aquilo que satisfaz as necessidades do ser humano em termos de sobrevivência. Cultura como respeito ao gosto do outro, como por exemplo, a música, a literatura etc. sem querer que o outro goste do que regionalmente se escuta, se veste, se come, defende. Cultura como aprendizagem sem querer dominar ao diferente. Aproveitar o que se tem de diferente e agregar novas relações em termos de avanços na aprendizagem.

Muitas vezes em sala de aula temos alunos que vem de famílias de várias origens (alemã, polonesa, italiana...) e precisamos saber aproveitar o que cada uma delas tem para a contribuição no desenvolvimento da língua estrangeira onde muitas vezes a língua materna acaba sendo a estrangeira. Precisamos ter a sensibilidade e acolher a realidade do aluno para melhorar o conhecimento respeitando cada situação em particular de cada um e fazendo

com que as diferenças façam a diferença no desenvolvimento da identidade cultural. Precisamos tornar a língua como a língua da cultura.

A identidade pode ser entendida como aquilo que eu sou e o que devo respeitar no outro. A identidade segundo o dicionário Cúspide corresponde a:

Cualidad de idéntico. Conjunto de circunstancias que distinguen a una persona de las demás. Hecho de ser una persona o cosa la misma que se supone o se busca. Igualdad que se verifica siempre, en la que los miembros son idénticamente los mismos o en la que ambos toman valores numéricos iguales, sea cual sea el valor de las variables que su expresión contiene. (Cúspide, SD, p. 484).

Ser idêntico não equivale a ser igual, portanto, devemos ter muito cuidado quando falamos em Identidade a qual não equivale a um documento que podemos ter no Brasil ou em outro país se somos estrangeiros, mas, é algo bem mais delicado. Temos de ter o cuidado de não ofender ao outro por fazer parte de outra identidade cultural. Segundo Vygotsky não devemos olhar o outro como deficiência cultural. Mas, devemos olhar o outro como uma característica própria de sua formação.

Precisamos respeitar a cultura do outro para não formar uma semicultura. Entendemos que se não cuidarmos a própria cultura poderemos estar contribuindo para a formação da semicultura.

3 CULTURA VERSUS SEMICULTURA

Adorno ao abordar o tema sobre a semicultura nos deixa assustados ao perceber o quanto não sabemos sobre cultura. Somos segundo ele semicultos, e talvez poderíamos ir mais longe e dizer que muitas vezes não sabemos o que é uma cultura. Somos ignorantes ou semiformados. Em outras palavras, poderíamos dizer que sabemos muito pouco sobre cultura. Hoje muitos indivíduos não admitem não saber, querem saber de tudo, mas, quem quer saber de tudo acaba sabendo muito pouco.

A auto-reflexão é a única maneira de recuperar a cultura, e a única possibilidade de manter viva a cultura em nossos dias. Mas a semiformação em nossos dias passou a ser a forma dominante da consciência atual, e isso, exige uma crítica e uma reflexão mais abrangente do que possamos imaginar.

A semiformação acaba sendo um problema onde o sujeito que se diz culto encontra uma cultura que se converteu em satisfeita de si mesma, em vez de ser um valor. A cultura se transformou em bens culturais; e se tornando bens culturais mesmo o sujeito culto “se existe”, se encontra em crise com relação a própria cultura. Diante dessa colocação pode-se dizer que há uma cultura da regressão.

Na idéia de formação cultural necessariamente se postula a situação de uma humanidade sem status e sem exploração... No ideal de formação, que a cultura defende de maneira absoluta, destila-se sua problemática... Sem a formação cultural, dificilmente o burguês teria se desenvolvido como empresário, como gerente ou como funcionário. Assim que a sociedade burguesa se consolida, as coisas já se transformam em termos de classes sociais. (Adorno, 1996: p.392).

Tomemos como exemplo a década de 20, onde os movimentos de resistência da Alemanha, não evoluíram conforme a Teoria de Marx, de que a história mostra, que esta levaria a uma revolução socialista. Porém, reconhecem-se os regimes totalitários, como o nazismo na Alemanha e o fascismo na Itália. Novamente volta a questão: os teóricos buscam compreender porque os trabalhadores e os movimentos perdem sua força e se aliam aos regimes totalitários. A cultura ou a semicultura navega entre posições de extrema delicadeza. O capitalismo tem grande força de dominação. A racionalidade, uma vez transformada em racionalidade instrumental, não tem mais alternativa.

Habermas¹ considera a esfera da estética muito restrita a emancipação humana, considera que a idéia de Adorno em relação à estética (mímesis) é muito limitada. Para Habermas existem outros espaços da ação humana onde pode se dar à emancipação da semiformação cultural. A crítica da *Dialética do Esclarecimento* surge, porque a razão questiona-se a si mesma. Habermas

¹O grande objetivo das obras de Habermas é o espírito emancipador da racionalidade humana. A referência de estudo é a crítica a obra *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer. Habermas estava vinculado a escola de Frankfurt, onde trabalhou com Adorno em 1984, rompendo com o paradigma da subjetividade (paradigma da consciência).

Habermas faz a tentativa de restabelecer a racionalidade humana, pois esta se tornou uma racionalidade instrumental, dominadora. Três acontecimentos históricos limitam, segundo Habermas, a racionalidade humana. Estes três acontecimentos marcam a barbarização da racionalidade: 1. O aumento da burocratização, na medida em que a sociedade se racionaliza, ela se torna uma “jaula de ferro” – o próprio socialismo se burocratiza. 2. A dominação – a razão se torna autoritária pela indústria cultural, sendo que a dominação, para se impor, não necessita de força física, mas pode ser por meios simbólicos; 3. A capacidade de reconvenção que o indivíduo tem de enfraquecer através do autoritarismo.

questiona, por que temos que cair numa perspectiva negativista de Adorno? – Será que a única forma de conhecimento é o instrumental, ou pode haver outro modo? Ele procura na racionalidade a possibilidade da emancipação da razão humana no que diz respeito a formação cultural.

Qual o recurso que a humanidade possui para validar, justificar os seus atos? Habermas recorre a linguagem. A possibilidade de uma vida diferente, através de uma interação com os outros. Segundo ele, neste mundo da vida há um predomínio da razão comunicativa. Somos racionais porque somos seres de comunicação. O agir comunicativo é a garantia do resgate da dignificação humana.

Quem é o ser humano para Habermas? É alguém que tem a competência comunicativa cultural, a capacidade de manter uma comunicação com outros. Segundo Marx, o homem se faz através do trabalho, o ser humano se faz, constrói sua identidade a partir do trabalho. Habermas critica esta postura de Marx. Segundo Habermas, nós vivemos em função de normas: representamos nossa subjetividade pelas manifestações dramáticas. As formas da ação humana não se reduzem as maneiras instrumentais. O ser humano, para Habermas, não é um sujeito de consciência, mas um sujeito de potencialidades comunicativas que desenvolve um novo conceito de auto-conservação, não por meio da razão instrumental e sim pela razão comunicativa.

Até os anos 70, Habermas se ampara na filosofia kantiana, na idéia de que o sujeito constitui o mundo. Após, ele faz a autocrítica e diz que a teoria do conhecimento não é a base para fundamentar as ações da sociedade. A humanidade se constitui de interesses muitas vezes abafando a cultura do outro a qualquer preço e sendo assim:

O espírito da semiformação cultural pregou o conformismo. Não somente se extraíram os fermentos da crítica e de oposição contra os poderes estabelecidos que caracterizavam a formação cultural no século XVIII, como também firmou-se o sentimento ao já existente, e sua duplicação espiritual se faz seu próprio conteúdo e sua própria justificação. Ao mesmo tempo, a crítica fica rebaixada a um meio para impor medo, a um puro borboletear-se superficial e que atinge aleatoriamente os adversários que elege. (Adorno, 1996: p.405).

O grande problema do conformismo acaba afetando a formação do sujeito em uma língua estrangeira quando muitas vezes ele tem preguiça de adquirir a cultura da língua materna.

O semiformado culturalmente, na medida em que está excluído da cultura e, ao mesmo tempo, com ela concorda, passa a dispor de uma Segunda *sui generis*, não-oficial, que, por conseqüência, se alivia graças a um autêntico encontro marcado pela indústria cultural: o mundo dos livros que não deixa nas estantes sem ler e que parecem ser igualmente a-históricos e tão insensíveis diante das catástrofes da história como seu próprio inconsciente. (Adorno, 1996: p.408).

Para Adorno menciona a única possibilidade de sobrevivência que ainda resta à cultura e à auto-reflexão crítica sobre a semiformação. Se o estudante tiver uma formação tendo presente o desenvolvimento cultural materna, ele assimila a segunda língua fazendo relações e associações com sua língua materna o que proporciona um crescimento diferenciado com relação ao estudante que não consegue fazer tal relação.

4 AUTONOMIA E IDENTIDADE

O ensino de língua estrangeira deve ser uma opção de proceder do estudante envolvendo muita responsabilidade e autonomia. Hoje em pleno século XXI escutamos muitas pessoas reclamando de seu ambiente social e cultural sempre culpando os outros como a educação, a política, a saúde, o presidente de bairro, ou seja, a culpa é sempre do outro. Este sujeito acaba não fazendo quase nada já que se considera vítima do sistema. Não estuda, não trabalha, não tem responsabilidade alguma achando que são os outros que estão errados. Há uma acomodação por parte de uma camada social que acaba piorando o que já não se encontra bem.

Com isso queremos ressaltar que não podemos ficar esperando que as coisas aconteçam por osmose se assim podemos dizer. Precisamos sim de estudantes de línguas estrangeiras com responsabilidade na construção de seu saber.

Precisamos de estudantes com autonomia, responsabilidade e senso crítico na construção de seu conhecimento. A aquisição de uma nova língua

deve possibilitar a construção do conhecimento, o desenvolvimento de habilidades e a formação de hábitos como qualquer outro ensino e aprendizagem.

O estudante que não desenvolver o espírito crítico com autonomia pode perder-se na trajetória da construção do saber. Precisa internalizar o aspecto local, assim como o aspecto global, universal assumindo sua própria identidade. Entendemos por identidade aquele aluno que não ignora sua realidade de vida. Mas que aproveita o seu mundo real para comparar e universalizar seu saber sem perder sua origem.

Acreditamos que em um futuro próximo a formação do conhecimento deverá ser uma constante do ser humano. Não que hoje não seja assim, mas, será cada vez mais de responsabilidade de cada sujeito. Logo, o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira deve manifesta-se como uma alternativa de mediação na construção de uma sociedade responsável crítica e autônoma.

Precisamos entender que a educação deve ser encarada com responsabilidade permanente para não seguir-mos sendo dominados por um sistema que dita as regras.

É preciso ter clareza quanto aos objetivos da construção do conhecimento tanto de quem o oferece como de quem o recebe. É preciso estar envolvido com o processo para que a construção individual e coletiva seja aprimorada.

É interessante ressaltar que um planejamento dentro de uma visão crítica construtiva resulta de suma importância para avaliar constantemente a construção dos resultados e do conhecimento no que diz respeito a aprendizagem.

A sociedade pode mudar sim, mas para isso precisamos agir individualmente e coletivamente com responsabilidade no que diz respeito a educação. Necessitamos de sujeitos cultos, críticos, civilizados assumindo a própria identidade em vias do esclarecimento e não da dominação.

Pensamos que na teoria crítica encontramos um universo muito fecundo para pensar a educação no contexto atual. A teoria crítica nos leva a entender

que no sistema capitalista os sujeitos como um todo, não precisam ser críticos, sendo que existe alguém que pensa por eles. Tanto o professor como o estudante em muitas situações tornam-se escravos do sistema capitalista deixando de lado seus princípios sem se preocupar com o ensino e aprendizagem de qualidade. O professor precisa entender, segundo Luckesi (1984), que somos educadores e com isso desenvolver o que nos compete. O estudante precisa assumir com responsabilidade a construção de sua identidade com responsabilidade instigando e pesquisando a todo momento a área que lhe compete.

E o que nos compete é livrar-nos das amarras que nos prendem a sistemas dominantes em termos de educação e trilharmos um caminho próprio com autonomia dentro de um sistema praticamente fechado. Para vencer precisamos acreditar que podemos fazer a diferença começando por nós mesmos.

O ensino de língua estrangeira de qualidade deve visar ao estudo da cultura da língua estrangeira como instrumento para facilitar tanto o ensino de nossa própria cultura como a construção de nossa identidade cultural. A identidade cultural deve ser um fator de relação na construção do novo saber. O sujeito precisa construir sua identidade própria, pois, povo sem cultura é povo sem identidade,

As línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. Logo quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade. Dito de outra forma, quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma nova pessoa. (Rajagopalan, 2003, p. 69).

Poderíamos dizer que quem aprende uma nova língua está abrindo novos horizontes em termos de formação da identidade cultural já que a nova aquisição possibilita uma abertura a realidade que o rodeia, uma nova visão de mundo se assim podemos dizer. Rajagopalan, reforça a presente colocação dizendo que: “a língua estrangeira sempre representou prestígio”. (Rajagopalan, 2003, p. 69).

No passado diante do contexto histórico e político a língua estrangeira era vista como uma estratégia para se conseguir os melhores postos de

trabalho já que falar uma língua estrangeira representava um sujeito culto, alguém com identidade própria. Na interpretação de Rajagopalan quem busca aprender uma nova língua está em busca de: “ampliar os nossos horizontes culturais, de nos lançar a um melhor nível de vida – em suma, de tirar proveito do contato com algo previamente entendido e encarado como superior ao que já possuímos”. (Rajagopalan, 2003, p. 69).

Dá a idéia de que quem possui o conhecimento de uma língua estrangeira tem certa superioridade sobre aquele que não a possui. Por outro lado, aquele que a aprendeu em meio aos nativos tem mais prestígio sobre aqueles que aprenderam em seu próprio país por professores não-nativos.

Cabe lembrar que essa visão está mudando em nossa época, (século: XXI), pois, nos dias de hoje muitas universidades estrangeiras via embaixada estão oferecendo a possibilidade de realizar a prova de proficiência a não-nativos falantes de línguas estrangeiras em seus próprios países. Quer dizer que se o estudante passa por uma banca e por uma série de testes comprovando sua competência é sinal de que se está trilhando o caminho certo na aquisição da nova língua. Quer dizer que a identidade pode ser construída com responsabilidade em ambientes internos como externos. O importante é que a interação cultural possa acontecer com ou sem professores nativos, aprendendo a nova língua dentro ou fora do país de origem.

Para Rajagopalan (2003), se faz necessário entender de forma clara o processo de ensino de línguas estrangeiras:

É por esse motivo que se torna cada vez mais urgente entender o processo de ‘ensino-aprendizagem’ de uma língua “estrangeira” como parte integrante de um amplo processo de redefinição de identidades. (...) As línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. Logo quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade. Dito de outra forma, quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma nova pessoa. (Rajagopalan, 2003, p. 69).

O importante é o insumo que se desenvolve em termos de habilidade na aquisição de uma nova língua. A construção do ensino-aprendizagem deve levar ao conhecimento e ao esclarecimento do estudante que está em construção da formação e de sua identidade cultural.

5 CRENÇAS NA AQUISIÇÃO DA NOVA LÍNGUA

Acreditamos que quando pensamos no ensino de línguas estrangeiras, podemos trazer a observação de uma que muitas vezes pode ser observada no ensino de outra também. Portanto, trazemos um exemplo de estudo com relação ao Inglês.

Em seu texto sotaque: apagar ou mostrar? A da professora da Universidade Federal de Mato Grosso, Ana Antônia de Assis Peterson, a partir de exemplos pessoais discute duas crenças arraigadas no senso comum relacionadas à correção lingüística e à correção ideológica; a de que existe um falante de inglês perfeito, ideal a ser aprendido pelo aluno e a crença de que a fala inglesa deve ser necessariamente apolítica, acrítica ou colonizada. Resultando assim ser necessário valorizar a competência discursiva do aluno e sua inteligibilidade em vez da busca contínua do inglês perfeito. Defende um ensino que aborde as pluralidades de práticas enunciativas e que reavalie as bases ideológicas da divisão e da diferenciação.

Sendo professora de inglês Peterson faz a observação numa perspectiva bilíngüe já que ministra aulas de Português e Inglês. Recorda momentos desconfortáveis ao iniciar seus primeiros estudos da língua e posteriormente observações feitas por alguns de seus colegas, professores, de que precisaria melhorar sua fluência e ao viajar ao exterior para seguir seus estudos foi elogiada por um de seus colegas do doutorado, este, reportando elogios ao inglês da professora. De volta ao Brasil houve novamente vozes de alguns colegas (professores) que seu inglês não soava de acordo com as suas expectativas. Algo errado!

Diante da situação o presente texto vem salientando dois aspectos. Primeiramente, a crença de que existe um inglês ideal (perfeito), imaculado, puro. O brasileiro para alcançar a perfeição na visão da maioria precisa falar o inglês britânico; sem ser com sotaque de cuiabano, nordestino, caribenho, indiano... quando, em casos nem o inglês americano serve mais. Segundo a autora ao mencionar Barcellos (2005) mostra que os brasileiros tem uma

atitude muito negativa aos sotaques estrangeiros, caracterizando três modos de negatividade: a) intolerância aos acentos de estrangeiros falando português, b) discriminação a sotaques provenientes de outras variedades de inglês que não sejam inglês britânico ou americano, c) e admiração por aqueles que falam inglês sem sotaque estrangeiro. Até parece que seria possível alguém falar sem sotaque, já que somos falantes reais e não falantes ideais.

Em qualquer língua a mesma palavra dificilmente será repetida da mesma forma. Parece ser utópica a visão do purismo da Lingüística da língua e não da fala confundindo a língua com a norma padrão; não seguindo as normas (ditadas padrão) pode ser considerado como erro, barbarismo, desvio, sotaque carregado, portunhol... formas sem direito à existência. A autora menciona que nos últimos três anos começamos a presenciar mediante a sociolingüística o surgimento de novos conceitos (bilingüismo, diversidade, multilingüismo...). Para afirmar a colocação menciona Rajagopalan (1998): 'Quando uma língua é submetida a uma análise de microscópio percebe-se que é infinitamente diversificada'. Ou seja, quanto mais se aprofunda uma língua mais detalhes se descobrem a respeito dela. Tendo conhecido o primeiro ponto a respeito dos ideais relevantes passamos destacar o segundo ponto defendido pela autora.

A crença de que alguém que fala inglês é necessariamente um indivíduo apolítico, acrítico, colonizado e americanizado.

Peterson acredita que essa crença com relação dos falantes de inglês está centrada numa visão ideológica em que a língua revela traços das identidades do falante (em nosso caso ser mais ou menos brasileiro). Em tal crença se revela uma contrariedade, de um lado, deseja-se o inglês puro; por outro, cobra-se a manutenção do estado de ser brasileiro, com proteção do perigo da aculturação e da submissão à outra cultura, a outro povo. O falante de inglês americano parece ter em suas mãos a hegemonia e o poder superior aos demais (não falantes de inglês). Conter o Outro em si é conviver com o tensional, com a ruptura e o espaço da liberdade. Contudo, vale lembrar, que nem todos os professores de inglês se preocupam com a face corretiva ideológica presente na atitude do Outro.

Outros professores não se sentem colonizados e nem colonizadores já que encaram a língua como um corpo de conhecimentos conscientes que pode ser transmitido pela instrução explícita, onde, a relação com o Outro acontece como uma via de mão dupla e não de mão única.

Dessas duas crenças apresentadas pela autora percebemos a necessidade de se conceber um novo ensino de inglês e que as culturas são práticas simbólicas conflituosas ligadas a processos de formação e transformação de grupos sociais (conforme os adeptos da pedagogia crítica²).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais nos apresentam um ideal perfeito no ensino de línguas estrangeiras onde a autora em destaque nos questiona a respeito do desejo a que nossos alunos busquem um inglês perfeito, sem sotaque. A mesma afirma em estar a favor do esquecimento de que existe um falante nativo da L2 a ser tomado como parâmetro ou de que a L2 seja prioridade de alguém ou de um povo.

A autora Peterson chama à atenção ao abandono às gramatiquices, a comunicação reducionista, ao apego à correção do Outro e abarcar a multiplicidade, a pluralidade das práticas discursivas.

O sotaque não é interpretado como inadequação cabendo ao aluno decidir, quando, como, com quem, para mantê-lo ou não, ou seja, o sotaque pode fazer parte do aprendiz de língua inglesa. Se houver erro na pronúncia (aprendizagem), este deve ser encarado como um sinal de construção da aprendizagem e não como uma “doença contagiosa”. As identidades precisam ser respeitadas como entidades precárias, múltiplas, suscetíveis à negociação constante.

Percebemos no decorrer da exposição que a autora não abre mão de ensinar o inglês bem, porém chama à atenção ao ensino voltado para a visão crítica para o questionamento. O importante é a inteligibilidade do aprendiz.

Percebemos no decorrer deste texto sua importância para o ensino de línguas estrangeiras o qual deve ser incorporado por muitos professores e pelos próprios alunos que ainda acreditam que o inglês perfeito é o aprendido

² Reconhecem que as línguas não são códigos fechados de estruturas lingüísticas, pelo contrario, estão sujeitas a alto grau de indeterminação, polissemias, formação e transformações de sentidos em constante fluxo e movimento.

sem sotaque, aprendido gramaticalmente, aprendido por nativo e até aprendido fora do Brasil. O importante é falar, ou seja, comunicar-se e entender seja com sotaque ou não.

6 IDEOLOGIA: DIFERENTE NÃO É DESIGUAL

Quando pensamos em termos culturais de esclarecimento podemos nos questionar sobre o aspecto ideológico presente nas discussões. O ensino de língua estrangeira não pode ser um instrumento ideológico, não pode estabelecer a superioridade do colonizador e as conseqüentes dependências e inferioridade do colonizado. Ou seja, quinhentos e tantos anos de colonização temos na cultura brasileira e temos presente na nossa história a questão de ideologia, de dominação, de colonizador e colonizado.

Em nossa história a dominação sempre se impôs ao colonizado quando o conquistador desrespeitou suas origens (língua do índio) comprando-o com objetos inúteis e vendendo (impondo) sua língua e sua cultura, como se no Brasil não houvesse com os indígenas aspectos culturais. Ideologicamente falando temos a ideologia muito presente na cultura brasileira. No ensino de línguas também, logo, precisamos ter o cuidado de não seguir os passos dos antepassados e seguirmos cometendo os mesmos erros.

Precisamos abolir a ideologia do ensino de línguas e sermos transparentes na discussão dos fatos e caberá ao aluno escolher o que será melhor para si segundo sua concepção. Por isso defendemos que o diferente não é desigual, mas é uma forma diferente de ver e defender as coisas. Segundo Lago (1996), a palavra ideologia é usada por alguns autores como doutrina: “as doutrinas correspondem a interesses, gerais ou específicos, para quem se segue ou para outros, há uma grande associação entre os dois significados do termo”. (Lago, 1996, p. 37).

Conforme Lago (1996), a “cultura não é idêntica a ideologia, mas a ideologia influencia toda a cultura”. (Lago, 1996, p. 37). As ideologias fazem parte do desenvolvimento da sociedade onde vivemos. Basta observarmos a venda da língua espanhola pela Espanha ao Brasil. Se diz que em nome de

uma dívida se quita a mesma em nome da implantação do Espanhol nas escolas públicas brasileiras. Queremos exemplos mais claros de ideologia e de colonização que esse. Em nome da difusão cultural segue-se dominando ao invés de tornar os sujeitos mais esclarecidos.

O verdadeiro ensino de língua estrangeira não deveria impor a ideologia da classe e da cultura dominante, antes, deveria adotar uma nova postura, a de comparação de duas culturas diferentes, mas equivalentes, em que uma não seja superior à outra. Precisa-se ter a delicadeza de não vender cultura, mas aprender das culturas a aprimorar a própria cultura. Quando chegar-mos a esse estágio é sinal de estaremos trilhando o caminho do esclarecimento no ensino de línguas estrangeiras e deixando de lado o aspecto de dominação e de barbárie que se fez presente no desenvolvimento histórico.

Precisamos entender ideologicamente que o diferente não é desigual, mas é característico de cada cultura com valores significativos para cada realidade social concretamente. Não podemos achar que uma cultura estrangeira seja melhor que a outra. A aprendizagem de uma língua estrangeira deve levar a uma comunicação dentro de uma perspectiva crítica esclarecedora.

7 FORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO NA PERSPECTIVA DE ESCLARECIMENTO

Habermas ao formular a Teoria da Ação Comunicativa, de caráter crítico e libertador, preocupou-se com a Racionalidade Comunicativa. Fundamentado nas teorias da Escola de Frankfurt, de modo especial em Adorno e Horkheimer, preocupam-se não só em entender a sociedade contemporânea como de identificar princípios ou pressupostos universais que possam orientar o pensar, o sentir e o fazer do ser humano, de tal forma, que propicie um processo de transformação com vistas a autonomia, a emancipação, a busca de igualdade e de liberdade para o ser histórico e social. Para tanto, vai além de Kant que vê esta condição na percepção transcendental do eu penso, e para Habermas há

necessidade do poder da dialética comunicativa, de uma comunidade de falantes.

Cada indivíduo buscando a consciência de si, responsável por seus atos, numa posição de respeito às diferenças, numa emergência de particularidades. No paradigma da linguagem a espécie humana cria produtos simbólicos que exige competência de relação para ser entendido, de um ser que se mostra metafísico, em ligação com o mundo e com os demais homens. Ao ocorrer a socialização comunicativa dos indivíduos, numa posição de autocrítica da razão, de diálogo que pressupõe escuta, deflagra-se o poder emancipador da razão.

Seguindo este raciocínio a avaliação evolutiva do mundo da vida dá-se pela crescente autonomia das esferas da cultura, sociedade e personalidade. O Mundo da Vida, na teoria da modernidade de Habermas, “é a esfera que contribui para manter a identidade social e individual e compreende o acervo de padrões de interpretação transmitidos culturalmente e organizados lingüisticamente. É a instância intersubjetiva que se orienta pelo agir comunicativo”. Segundo Chomsky a competência comunicativa depende do desempenho lingüístico e de um sistema abstrato de regras geradoras da linguagem, no que complementa Habermas serem estas estruturas também criadas em decorrência de um processo lingüístico de troca, nesta atuação do homem e do mundo, mecanismo de uso nas interações comunicativas. Deste processo gerativo dos atos de fala retiram-se os elementos universais que tornam possível o entendimento humano. Tais condições de entendimento seriam:

- a) expressar-se de forma inteligível;
- b) intenção de comunicar-se com conteúdo proposicional verdadeiro;
- c) falante e ouvinte em posição de entendimento; falante elegendo uma manifestação correta. Estabelecendo relações inter-pessoais legítimas.

Assim, o homem ao estabelecer relações com os outros homens cria a objetividade passível de ser conhecida, o mundo da vida, cuja natureza fundamentada nas relações de trabalho e interação formando o espírito da espécie humana.

Na busca de autonomia, de emancipação a racionalidade comunicativa não nega a pluralidade, a diferença, a contradição, porém, prevê que as estruturas de um entendimento lingüístico são intransponíveis, necessárias, condições para o entendimento.

Habermas apóia-se em Piaget e em Kolberg para esclarecer as estruturas de entendimento inerentes ao agir comunicativo, que no seu entender sempre estão presentes nas ações de fala dos indivíduos. Exige:

1- Competência cognitiva - domínio das regras de operações formais, lógicas (Piaget).

2- Competência do discurso - domínio das regras lingüísticas para produzir situações de compreensão possível (Sprachkompetenz):

a) domínio das regras para produzir gramaticalmente sentenças bem formadas (Chomsky), b) domínio das regras pragmáticas universais ou formais.

3- Competência interativa ou de papel - domínio das regras para tomar parte em formas de interação cada vez mais complexas.

O entendimento entre os homens precisa passar por estágios de desenvolvimento, por exemplo, das regras de operações formais, do sensório motor para o pré-operativo, depois para o operacional concreto até chegar ao estágio operacional-formal. Há uma progressiva capacitação que implicará na formulação de novas concepções e estruturas de mundo, impulsionando para que a sociedade e a coletividade evoluam. O entendimento acima referido diz respeito a realidade social e a realidade subjetiva.

Desenvolver as habilidades necessárias, para tanto, requer uma postura de reflexão contínua. A razão promove sistemas e processos cada vez mais complexos de organização e fazendo emergir formas racionais de condução dessas organizações, ao mesmo tempo, que potencializa a capacidade de aprendizagem das pessoas e promove a crescente universalização das decisões sobre os processos sociais. O uso das regras da competência cognitiva e da competência do discurso torna-se indispensável, em qualquer circunstância, para o desenvolvimento de uma compreensão orientada para o entendimento.

Assim, toda espécie humana, todos os indivíduos, capacitam-se para participarem de discussões e validado o melhor argumento este só se efetivará num processo progressivo e coletivo de aprendizagem, de reflexão, de escolhas argumentadas. Acredita Habermas que a emancipação humana depende desta reflexibilidade de tradições e visões de mundo existentes, que farão emergir valores e normas mais universalizáveis. A racionalidade técnico-científica não está acabada e nem é a última versão de desenvolvimento humano. Razão pela qual é de fundamental importância para o desenvolvimento da educação uma visão integral do educando, de professores, onde haja interlocução comunicativa e possibilidade de reflexão de suas vivências para que não se perca a cultura e a identidade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer a presente trajetória em temas de aprendizagem da comunicação de uma língua estrangeira na perspectiva de criar identidade e cultura em vias de esclarecimento driblando questões de ideologia e de colonização destacamos alguns itens como fundamentais.

Ser delicado no que diz respeito ao ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira com relação aos conceitos de transferência, interferência, interlíngua e fossilização³. Ideologicamente falando os quatro conceitos podem ser incorporados na aprendizagem de uma nova língua com muita facilidade sem que se perceba.

Ter o cuidado com a inadequação ou incompreensão lexical que vai depender do nível de quanto o aprendiz possui de conhecimento do vocabulário da língua estrangeira. Importante na comunicação é perceber a forma, o sentido, a distribuição das palavras aprendidas na nova língua sem que possa estar confundindo ou transferindo da LM a LE. O professor deve ser

³ JABELUFA, Sergio; LOEBENS, J. F. Relatos sobre as dificuldades e/ou semelhanças no aprendizado de uma segunda língua pela interferência da língua materna. In: V seminário de Ensino de Línguas Estrangeiras (SELES), I Seminário de Ensino de Língua Materna (SELM), V Mostra de Cursos e Materiais Didáticos: Contemporaneidade no ensino de línguas, 2006, Passo Fundo. SELES – Seminário de Ensino de Línguas Estrangeiras. Passo Fundo: Editora Universitária, 2006.

o mediador na construção do vocabulário para que o aluno se sinta desafiado na busca de novas palavras parecidas as de sua língua materna.

Encontramos um número significativo de alunos com dificuldades lingüísticas os quais acabam sendo um empecilho para a aquisição da língua estrangeira, ainda mais se agregarmos o aspecto emocional influenciado muitas vezes por questões de ideologia e de dominação. Há que se considerar que adquirir uma língua significa, além do domínio de regras de uso, sobretudo desempenho satisfatório em situações concretas de convívio social.

Considerar que a linguagem como criação humana insere-se no conceito de que Cultura é tudo o que é criado pelos seres humanos nas suas relações recíprocas e com a natureza. Sendo assim, falar outra língua não precisa necessariamente ser entendido como estar imbuído nessa outra cultura, mas ter em conta que os aprendizes podem, apenas, transitar por essa e outras culturas híbridas, como Rajagopalan as define quando se refere a teoria de Lingüística Crítica.

O professor deverá ser muito criterioso no que diz respeito a suas escolhas pedagógicas quando pensa abordar determinados conteúdos para que possa ficar ao máximo imparcial quando ideologicamente determina os conteúdos. Pois nas escolhas da abordagem poderá influenciar gostos, crenças, políticas e pondo em risco a autonomia da identidade cultural do estudante.

O estudante de língua estrangeira deverá ser incentivado a ter autonomia nas escolhas culturais e não ser influenciado por seu mestre, este precisará ser muito cauteloso. A identidade cultural deverá ser construída por cada aprendiz tendo presente que ao aprender uma nova língua se está aprendendo uma nova cultura e isso deve ser motivo de orgulho de todo estudante de língua estrangeira.

Seja com sotaque ou não o importante na comunicação lingüística é expressar-se de forma inteligível elegendo uma manifestação correta, estabelecendo relações com os outros homens, criando uma objetividade passível de ser conhecida na interação. Ou seja, ir criando uma identidade

cultural com fundamento mediante o aperfeiçoamento do conhecimento da nova língua.

O estudante na medida em que vai avançando no conhecimento vai redefinindo sua formação cultural, pois na aprendizagem vai estruturando seu conhecimento crítico e esclarecedor da própria identidade e da cultura.

A semiformação vista em nossos dias como a forma dominante da consciência, exige uma crítica reflexiva mais abrangente do que possamos imaginar. A auto-reflexão é a única maneira de recuperar a cultura, e a única possibilidade de manter viva a cultura em nossos dias.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1986.

ADORNO, T. *Teoria da semicultura. Educação e Sociedade*. Campinas, a. XVII, n. 56, p. 388-411, dez/1996.

BRASIL, Lei 9394/96 – *Dispõe sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, DF, 1998.

CHINAGLIA, Pedro. *La filosofía a través de los siglos*. Editorial Don Bosco. Asunción, 1999.

DICCIONARIO CÚSPIDE *de la lengua española*. Editorial Everest AZ. La Coruña. España, SD.

HABERMAS, J. *Teoria de la acción comunicativa: complementos y estudios previos*. 3ª ed. Trad. Manuel Jiménez Redondo. Buenos Aires: Cátedra, 1997.

_____, J. *Teoria da ação comunicativa*. v.1. Madrid: Taurus, 1987.

JABELUFA, Sergio; LOEBENS, J. F. *Relatos sobre as dificuldades e/ou semelhanças no aprendizado de uma segunda língua pela interferência da língua materna*. In: V seminário de Ensino de Línguas Estrangeiras (SELES), I Seminário de Ensino de Língua Materna (SELM), V Mostra de Cursos e Materiais Didáticos: Contemporaneidade no ensino de línguas, 2006, Passo Fundo. SELES – Seminário de Ensino de Línguas Estrangeiras. Passo Fundo: Editora Universitária, 2006.

MÜHL, E. H. *Habermas e a educação: ação pedagógica como agir comunicativo*. Passo Fundo. EDIUPF, 2003.

LAGO, B. M. *Curso de sociologia política*. Petrópolis: Vozes, 1996.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2003.